

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

José Thiago Mendes Chaves

GUERRA DO GOLFO: ANÁLISE DA OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO

**Resende
2019**

José Thiago Mendes Chaves

GUERRA DO GOLFO: ANÁLISE DA OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Orientador: Carlos Roberto Peres

**Resende
2019**



APÊNDICE III (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL) AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA ACADÊMICA E DA DOUTRINA NA AMAN

**AMAN
2019**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO:

AUTOR:

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo o (a) _____ a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

O (A) _____ poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino do (a)

Resende, ____ de _____ de _____

Assinatura do Cadete

José Thiago Mendes Chaves

GUERRA DO GOLFO: ANÁLISE DA OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em _____ de _____ de 2019.

Banca examinadora:

Cel R1 Carlos Roberto Peres
(Presidente/Orientador)

Cel R1 Luiz Emílio Da Cás

Cel R1 Durland Puppim de Faria

Resende
2019

Dedico este trabalho a minha mãe Maria Emília e meu pai José Mauro, que sempre me apoiaram incondicionalmente para que eu pudesse realizar o meu sonho, ser oficial do Exército Brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de ingressar na AMAN e sempre me dar forças para não esmorecer perante as dificuldades e desafios.

Agradeço também a minha família, principalmente meus pais, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando incondicionalmente, nos momentos bons e ruins. Vocês são os responsáveis pela minha felicidade e realização profissional, ao concluir minha formação na AMAN.

Ao meu orientador, pelo esforço, boa vontade e permanente disposição para a retirada de dúvidas. Sem seu auxílio nada disso seria possível.

RESUMO

GUERRA DO GOLFO: ANÁLISE DA OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO.

AUTOR: José Thiago Mendes Chaves

ORIENTADOR: Carlos Roberto Peres

O tema deste estudo versa sobre a análise da Operação Tempestade no Deserto, uma operação ofensiva desencadeada na Guerra do Golfo Pérsico ocorrida no ano de 1991.

O objetivo deste trabalho é relacionar os aspectos que levaram a supremacia das Forças da Coalizão sobre as Forças Armadas Iraquianas. Através de uma análise descritiva das ações nas operações militares foi constatado que a Primeira Guerra do Golfo foi um marco na história dos conflitos armados, a passagem de uma guerra convencional para uma guerra com um massivo emprego de tecnologia.

Neste trabalho procuramos descrever os antecedentes históricos, o início, o desenvolvimento e o desfecho deste conflito. Iniciamos a abordagem com uma descrição do contexto geopolítico mundial na época, uma análise das Forças Armadas dos Estados Unidos no pós-Guerra do Vietnã, uma breve descrição sobre a Guerra Irã-Iraque e a situação do mercado mundial de petróleo. Após isso passamos para uma breve descrição da Operação Escudo do Deserto e uma análise do desenrolar da Operação Tempestade no Deserto.

Com esta pesquisa foi possível destacar os fatores que levaram a vitória da Coalizão na Primeira Guerra do Golfo.

Palavras-chave: Operação Tempestade no Deserto. Guerra do Golfo. Coalizão. Forças Armadas dos Estados Unidos.

ABSTRACT

GULF WAR: ANALYSIS OF THE OPERATION DESERT STORM.

AUTHOR: José Thiago Mendes Chaves

ADVISOR: Carlos Roberto Peres

The subject of this study focuses on the analysis of Operation Desert Storm, an offensive operation triggered in the Persian Gulf War in the year 1991.

The objective of this work is to relate the aspects that led to the supremacy of the Coalition Forces on the Iraqi Armed Forces. Through a descriptive analysis of the actions in military operations it was noted that the first Gulf War was a milestone in the history of armed conflicts, the passage of a conventional war to a war with a massive employment of technology.

In this work we seek to describe the historical antecedents, the beginning, the development and the outcome of this conflict. We began the approach with a description of the world geopolitical context at the time, an analysis of the United States armed forces in the post-War of Vietnam, a brief description of the Iran-Iraq war and the situation of the world oil market. After that we went to a brief description of Operation Desert Shield and an analysis of the unwinding operation of Desert Storm.

With this research it was possible to highlight the factors that led to the Coalition victory in the first Gulf War.

Keywords: Operation Desert Storm. Gulf War. Coalition. United States Armed Forces.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Mapa da área da Guerra do Golfo	13
Figura 2– Míssil Scud.....	20
Figura 3 – Bateria de mísseis Patriot	23
Figura 4 – Helicóptero de ataque AH-64A Apache	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo geral.....	11
1.1.2 Objetivos específicos.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 A GUERRA DO GOLFO	12
2.2 AS OPERAÇÕES.....	15
2.2.1 Operação Escudo do Deserto.....	15
2.2.2 Operação Tempestade no Deserto	18
2.3 FATORES QUE LEVARAM À VITÓRIA A COALIZÃO INTERNACIONAL	23
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO	28
3.1 TIPOS DE PESQUISA.....	28
3.2 MÉTODOS	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	32
ANEXO A- MAPA DA OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO	33

1 INTRODUÇÃO

A Operação Tempestade no Deserto foi uma operação ofensiva desencadeada no dia 17 de janeiro de 1991, por uma coalizão composta por 31 países e liderada pelos Estados Unidos da América. Esta operação tinha por objetivo forçar a retirada das tropas iraquianas, lideradas por Saddam Hussein, que ocupavam o Kuwait, desde agosto de 1990.

Se considerarmos os números (soldados, carros-de-combate, viaturas blindadas, peças de artilharia e sistemas de mísseis) dos dois principais beligerantes, nenhum especialista poderia afirmar que o Iraque seria derrotado em apenas 43 dias, se tornando uma das guerras mais rápidas da história e caracterizada pela grande utilização da tecnologia nos armamentos e equipamentos militares.

O escopo da pesquisa consistirá em analisar a Operação Tempestade no Deserto no que diz respeito a seus antecedentes históricos, sua concepção, seus objetivos, seu desenrolar e seu desfecho. Pretende-se avaliar, além dos conceitos acima citados, quais foram os fatores que levaram a vitória da Coalizão Internacional liderada pelos Estados Unidos da América, que combateram as tropas iraquianas que ocupavam o Kuwait.

Justifica-se o tema tendo em vista que o trabalho que será apresentado possui total relevância para os dias atuais, pois será realizada uma análise dos principais conceitos da operação, para que se possa colher ensinamentos dos erros e acertos cometidos, para sua aplicação em futuras situações de combate. O campo de pesquisa está inserido nas áreas de estudos de Doutrina, Estratégia, História Militar, Operações Militares e Relações Internacionais, conforme definido na Portaria nº 517, de 26 de setembro de 2000, do Comando do Exército Brasileiro (BRASIL, 2000).

Assim sendo, cabe problematizar a questão: quais os fatores levaram a vitória da Coalizão Internacional ao combater as tropas iraquianas que ocupavam o Kuwait?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar os fatores que levaram a vitória da Coalizão Internacional ao combater as tropas iraquianas que ocupavam o Kuwait.

1.1.2 Objetivos específicos

Descrever os antecedentes históricos; descrever as operações que antecederam a Operação Tempestade no Deserto;

Identificar alguns dos armamentos utilizados pela Coalizão na Guerra do Golfo; identificar alguns dos armamentos utilizados pelo Exército Iraquiano; descrever a Operação Escudo do Deserto; analisar as fases da Operação Tempestade no Deserto;

Destacar os fatores que levaram ao êxito da Operação Tempestade no Deserto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A GUERRA DO GOLFO

Segundo Baudrillard (2017), nas primeiras horas da manhã de 2 de agosto de 1990, o ditador iraquiano Saddam Hussein lançou uma invasão esmagadora sobre o minúsculo Kuwait, rico em petróleo (Figura 1). O Exército dos Estados Unidos da América enfrentou um novo e inesperado desafio.

Figura 1– Mapa da área da Guerra do Golfo



Fonte: BAUDRILLARD (2017)

De acordo com o que nos mostra Baudrillard (2017) a queda do Muro de Berlim, em 9 de novembro de 1989, mudou a equação estratégica, não só na Europa, mas em todo o mundo. Em alguns anos, as tropas soviéticas saíram de todos os seus antigos estados satélites no Pacto de Varsóvia, que se reconfiguraram como Estados independentes e democráticos, a própria União Soviética entrou em colapso em quinze países, e a Alemanha se reuniu em uma única nação. Este colapso fez com que os Estados Unidos saíssem como a única superpotência restante em um novo e instável mundo.

Na visão deste mesmo autor os Estados Unidos passaram a ter mais responsabilidades em torno do planeta e espaço de manobra mais estratégico para intervir em crises externas e com menor risco de um confronto catastrófico com a União Soviética.

De acordo com Denaud (2003), o Exército dos EUA no final da Guerra Fria era uma instituição muito diferente da que havia emergido da derrota no Vietnã menos de duas décadas antes. A qual, estava com sua confiança em ruínas e lutando para se reconstruir como uma força voluntária, e se reinventar. Empregando nova doutrina, liderança revigorada, renovada ênfase na formação realista, e uma força completa capaz de lutar uma guerra moderna em qualquer lugar do mundo, o Exército em 1990 foi pequeno (em comparação com o exército da era do Vietnã), altamente treinado, e totalmente profissional.

Ainda segundo Denaud (2003) era uma força de alta qualidade preparada para lutar uma guerra intensa. No entanto, o colapso do poder soviético e retirada dos exércitos soviéticos para a União Soviética, a desintegração do Pacto de Varsóvia, e o desmembramento e desaparecimento da União Soviética parecia a muitos uma justificativa para não manter um poderoso exército americano. Líderes políticos buscaram um “dividendo da paz” e o Exército projetou orçamentos que diminuiriam o número de seus ativos membros do serviço de 780.000 (setecentos e oitenta mil) em 1989, para 535.000 (quinhentos e trinta e cinco mil) em 1995. Alguns americanos acreditavam que a longo prazo a paz era a ordem do dia e que poderiam dismantelar o grande estabelecimento militar. Esse estabelecimento "inchado" logo mostraria ao mundo como era eficaz e necessário. Os Estados Unidos enviariam a força mais bem preparada que a América já havia implantado em resposta a agressão no Golfo Pérsico.

Pelo que ainda nos mostra o mesmo autor como o ataque de Saddam Hussein se desenrolou, três divisões blindadas da Guarda Republicana Iraquiana cruzaram a fronteira do Kuwait em direção à capital. As várias brigadas e a *pot-pourri* de militares e equipamentos do desafortunado Exército do Kuwait, já desorganizado por ataques das forças de operações especiais iraquianas, não foi páreo para este assalto.

Segundo Bertonha (2004), em poucos dias, os kuwaitianos se renderam ou fugiram para a Arábia Saudita, divisões da Guarda Republicana tinham fechado a fronteira saudita e iraquiana, forças de acompanhamento se espalharam para proteger os campos de petróleo e a riqueza comercial do pequeno, mas próspero país. O Iraque há muito cobiçava o petróleo do Kuwait, caracterizando-o como uma décima nona província que os britânicos roubaram durante a era colonial. A ambição do Iraque se tornou agravada durante a prolongada e desenfreada Guerra Irã-Iraque (1980–1988). Hussein acumulou enormes dívidas combatendo os iranianos, deixando-o com um exército grande e endurecido pela batalha, mas com uma economia em desordem. A riqueza do Kuwait, em sua mente, poderia resolver esse problema.

Ainda na visão de Bertonha (2004) o exército de Hussein cresceu dez vezes durante a guerra com o Irã. Quando totalmente mobilizado, contava com mais de 1.000.000 (um milhão) de soldados. Talvez o ponto mais importante, ter sido bem equipado por grandes compras nos mercados internacionais de armas. Embora a maior parte deste equipamento fosse de design soviético e de uma geração anterior aos seus análogos americanos, o número absoluto de carros de combate, veículos de combate blindados, peças de artilharia e armas de pequeno porte de todos os tipos o tornava formidável. Embora a União Soviética não estivesse mais disponível para ajudar o Iraque internacionalmente, Hussein contou com apoio entre os elementos mais polarizados ou desafetos do mundo árabe. A posição do Iraque como um "escudo sunita" contra

o poder do ressurgimento do Irã xiita fez muitos estados árabes relutarem em confrontá-lo diretamente. Para muitos na região, o Kuwait era visto como pouco mais que uma dependência americana, e o desafio à América aliada de Israel foi justo aos olhos de muitos árabes.

Conforme o mesmo autor para o governo americano e presidente George H. W. Bush, a primeira prioridade rapidamente se tornou a defesa da Arábia Saudita. A dificuldade do abastecimento de petróleo do Kuwait foi prejudicial o suficiente para a economia global. A interrupção dos suprimentos de petróleo da Arábia Saudita poderia ser desastrosa. Os sauditas compartilharam a opinião de Bush, e sua liderança superou uma antipatia na comunidade nacional por permitir que as tropas estrangeiras entrassem em seu país. Em 6 de agosto, o rei saudita Fahd bin Abdul Aziz al-Saud aprovou formalmente a intervenção americana para auxiliar na defesa de seu país.

De acordo com Keegan (2005), as forças dos EUA começaram rapidamente a se deslocar para a Arábia Saudita. Forças iniciais incluíam dois esquadrões de F-15; Esquadrões Marítimos Pré-posicionados baseados nas ilhas de Diego Garcia e Guam; dois grupos de batalha; uma brigada da 82ª Divisão Aerotransportada; e um sistema de aviso aerotransportado e controle (AWACS). Muito mais se seguiria.

Ainda segundo Keegan o Secretário de Defesa Richard B. Cheney, sob a direção do Presidente Bush, desencadeou o que se tornou indiscutivelmente o mais complexo projeto do poder militar americano desde a Segunda Guerra Mundial. As missões iniciais dessas forças foram proteger a Arábia Saudita e os campos de petróleo sauditas do Iraque e para evitar novas agressões. Nenhuma decisão ainda tinha sido tomada para transformar essa missão defensiva em uma ofensiva para reverter a situação.

2.2 AS OPERAÇÕES

2.2.1 Operação Escudo do Deserto

A Operação Escudo do Deserto foi uma operação de caráter defensivo, que tinha como objetivo o desdobramento de tropas no Oriente Médio para estabelecer uma linha defensiva no território saudita e um sistema logístico capaz de suprir a necessidade do XVIII Corpo Aero

terrestre. No dia anterior a invasão iraquiana, o alto comando do Exército do EUA, discutia esta possibilidade (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Consumada a invasão iraquiana, o então monarca da Arábia Saudita o Rei Fahd, autoriza o envio de tropas norte-americanas à Arábia Saudita, assim se dá início o desdobramento das tropas da coalizão. A 2ª Brigada da 82ª Divisão Aerotransportada, brigada de pronto emprego, foi a primeira grande unidade a ser desdobrada em território saudita, seguida pelo restante da 82ª (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Segundo Magnoli (2006), os primeiros dias de agosto começaram com muita ansiedade para os americanos planejadores da defesa, especialmente depois que a segunda brigada da 82ª Divisão Aerotransportada estava em posição. A equipe do Comando Central dos EUA (CENTCOM), comandado pelo General H. Norman Schwarzkopf Jr., conhecia os níveis de risco que assumiam ao tentar equilibrar as proporções de apoio e de combate às tropas que entravam no teatro de operações.

De acordo com Magnoli (2006) reconhecendo os enormes recursos blindados dos iraquianos do outro lado da fronteira, os paraquedistas levemente armados da 82ª Divisão Aerotransportada se caracterizavam como “Lombadas”, pretendiam, na melhor das hipóteses, retardar um ataque iraquiano e sinalizar a determinação dos Estados Unidos para defender a Arábia Saudita com vidas americanas. Isso, por sua vez, ganharia tempo para o acúmulo de forças.

Após o desdobramento de uma força de defesa, ainda que não suficiente para deter uma ofensiva iraquiana, seguiu-se o desdobramento de outras unidades de combate e apoio. Como o 5º Grupo de Forças Especiais (Aerotransportadas); o 7º Grupo de Transporte; a 11ª Brigada de Comunicações; a 11ª Brigada de Artilharia Antiaérea e a 7ª Brigada de Artilharia Antiaérea, ambas responsáveis pelo sistema Patriot. Apesar do grande número de tropas já posicionadas era necessário a presença de uma tropa com potência de fogo e ação de choque, o que a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada poderia proporcionar com seus mais de 200 carros de combate M1 Abrams (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Todo esforço foi feito para efetuar um rápido acúmulo de poder de combate e apoio logístico. Embora as forças dos EUA estivessem em risco por várias semanas, a Arábia Saudita progrediu de forma rápida e eficiente. Em pouco mais de dois meses, o poderoso XVIII Corpo Aero terrestre, consistindo da 82ª Divisão Aerotransportada; da 101ª Divisão Aero terrestre (Assalto Aéreo); da 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada; da 1ª Divisão de Cavalaria Blindada e do 3º Regimento de Cavalaria Mecanizado, e a necessária estrutura de suporte de combate estavam desdobrados. O inventário de chegada incluiu mais de 120.000 homens, 700 carros-

de-combate, 1.400 veículos de combate blindados, e 600 peças de artilharia. Centenas de aviões foram ao teatro de operações operando fora da Arábia Saudita, de aeródromos da Turquia e do Qatar, e fora de porta-aviões americanos. A Marinha estava a postos e ativa no Golfo Pérsico e em suas abordagens, tendo já imposto um bloqueio efetivo no Iraque. O risco de ataque iraquiano recuou após as primeiras semanas, mas a necessidade de se preparar para qualquer eventualidade permaneceu (MAGNOLI, 2006).

De acordo com Lupi (2008), como usar as forças recém-chegadas para obter o melhor efeito foi uma preocupação crítica. Embora o Comando Central tivesse planos de contingência para defender a Arábia Saudita da União Soviética, ou de seus aliados desde os primeiros dias, os planos da Força-Tarefa Conjunta de Deslocamento Rápida, criada em 1979, não estavam atualizados.

Ainda segundo Lupi (2008) entre os dias 10 e 28 de agosto, diversas mensagens alterando as listas de tropas na ordem de desdobramento original foram repassadas entre o Comando Central e o Pentágono, refletindo a complexidade da identificação de unidades com base na necessidade e disponibilidade.

O sistema logístico necessário para sustentar tamanha quantidade de tropas desdobradas em um teatro de operações como o do Oriente Médio devia ser robusto e organizado, tendo em vista a grande necessidade de consumo de água, de manutenção dos armamentos e equipamentos e distribuição de suprimentos para tropas em constante e grandes deslocamentos (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

A Operação Escudo do Deserto era um teste para a logística do Exército. O comandante do Exército componente (ARCENT- Comando Central do Exército dos EUA), Tenente-General John J. Yeosock, chegou à Arábia Saudita em 6 de agosto para supervisionar o esforço massivo. Com vários funcionários da equipe, ele montou uma sede na capital saudita de Riad para supervisionar a chegada, sustentação e planejamento geral para implantar unidades do Exército. O General Schwarzkopf chegou ao teatro de operações em 25 de agosto, o General Yeosock também ajudou o subcomandante do CENTCOM em exercício, Tenente-General Charles A. Homer, da Força Aérea Americana, a coordenar a chegada da força conjunta. Yeosock conhecia o terreno e clima e estava familiarizado com seus anfitriões sauditas. De 1981 a 1983, ele tinha servido em Riad como gerente de projeto para a modernização da Guarda Nacional da Arábia Saudita, e esta experiência iria lhe servi bem nos próximos meses (LUPI, 2008).

Após reuniões do alto comando do Exército norte-americano, tomou-se a decisão de numa futura operação ofensiva (Operação Tempestade do Deserto), seria executada uma manobra de flanco, sendo assim necessário mais duas unidades no valor Corpo de Exército. O

VII Corpo de Exército, localizado na Alemanha, foi selecionado tendo em vista a proximidade com o Oriente Médio e a futura desativação de tropas naquela área, devido à pouca ameaça que a União Soviética representava na época. A Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais e a 1ª Divisão de Infantaria, ambas localizadas nos EUA, também foram selecionadas (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

O VII Corpo de Exército ficou então responsável pelo desdobramento do 2º Regimento de Cavalaria Mecanizado, 11ª Brigada de Aviação, 7ª Brigada de Engenharia, 1ª Divisão Blindada, 2ª Divisão Blindada e em reforço a 3ª Divisão Blindada do V Corpo de Exército, também localizado na Alemanha. O VII Corpo acresceu ainda mais poder de fogo e ação de choque com suas 3 divisões blindadas. Com o término do desdobramento do VII Corpo, da Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais e da 1ª Divisão de Infantaria, a Operação Tempestade no Deserto tomou forma (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

2.2.2 Operação Tempestade no Deserto

A Operação Tempestade no Deserto foi uma operação de caráter ofensivo, com o objetivo de retirar as forças iraquianas do território do Kuwait. Além do VII Corpo de Exército, do XVIII Corpo Aero terrestre, da Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais e da 1ª Divisão de Infantaria, houve ainda o reforço de tropas dos demais países membros da Coalizão. Como a 6ª Divisão Blindada Leve, francesa, em reforço ao XVIII Corpo Aero terrestre e a 1ª Divisão Blindada, britânica, em apoio ao VII Corpo de Exército (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

A força iraquiana contava com tropas no valor de sete Corpos de Exército e a Guarda Republicana. Seu material era de origem majoritariamente soviética, como seus carros de combate, veículos blindados de combate e sistemas de artilharia. O Iraque possuía cerca de 4500 carros de combate, 2800 veículos blindados de combate e 3300 peças de artilharia. Este fato justificava a presença de 5 Divisões Blindadas por parte da Coalizão (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Dos sete Corpos de Exército, os II, III, IV, VII e a Guarda Republicana compunham a defesa na fronteira do Kuwait com a Arábia Saudita. Essas forças dispunham de trinta e uma divisões de infantaria, quatro divisões de infantaria mecanizada, oito divisões de infantaria

blindada, o que lhes proporcionava grande poder de fogo e ação de choque (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Segundo Deuad (2003), a libertação do Kuwait, começou em 17 de janeiro de 1991 com ataques aéreos em massa e bombardeios de mísseis em todo o Iraque. A coalizão alcançou prontamente a supremacia aérea, e os iraquianos pareceram, de fato, terem sido praticamente paralisados no momento em que a guerra terrestre começou. A degradação logística desfavoreceu as unidades iraquianas mais próximas da fronteira.

Ainda em Deuad (2003) podemos perceber que em parte, isso foi causado pelas grandes distâncias que a cada quilômetro expunha unidades e suas linhas de fornecimento suscetíveis ao ataque da coalizão. Isso também foi causado pela menor prioridade das unidades de infantaria na fronteira e a ausência de estoques de suprimentos existentes comparados àqueles construídos para apoiar unidades mecanizadas mais a retaguarda, bem como a Guarda Republicana. No geral, a campanha aérea da coalizão foi um grande sucesso, mas não alcançou os objetivos contra o equipamento de escavação, comando e controle e ativos logísticos. Apesar disso a sinergia alcançada através do emprego de recursos terrestres e aéreos demonstrou-se ter efeito devastador.

Após a investida aérea desencadeada pelas forças da Coalizão, o Iraque iniciou a utilização do sistema lançador de Mísseis Scud, foram lançados mísseis contra as bases americanas na Arábia Saudita e contra Israel. O objetivo iraquiano de lançar esses mísseis contra Israel era de conseguir aliados para combater uma possível retaliação israelense, o que não aconteceu a pedido do Governo dos EUA (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

De acordo com Bertonha (2004), talvez tão preocupante quanto, os mísseis Scuds lançados contra Israel em janeiro ameaçaram colocar essa nação em apuros. Mísseis de defesa aérea Patriot foram enviados às pressas para a Arábia Saudita e Israel para destruir um grande número de Scuds, mas isso certamente não impediu os iraquianos de empregar os mísseis. Em 24 de janeiro, 40% de todos os diversos recursos aéreos da coalizão foram dirigidos contra os Scuds, assim como os recursos de inteligência, guerra eletrônica e operações especiais.

Mais uma vez Bertonha (2004) nos mostra que, um limite para o sucesso operacional da campanha aérea foi a distração causada por um desvio urgente de recursos aéreos para uma campanha contra os mísseis Scud do Iraque. Embora os iraquianos tenham lançado apenas oitenta e seis Scuds, estes mísseis relativamente primitivos tiveram um impacto muito além de seu número. A sua gama permitiu-lhes alcançar, embora de forma imprecisa, alvos despreparados. De fato, para os americanos, o incidente mais sangrento da guerra ocorreu quando um míssil Scud caiu em um quartel em um subúrbio de Dhahran, em Al Khobar, em 25

de fevereiro, matando 28 e ferindo 97 pessoas, quase metade de uma única unidade, o Destacamento do Quartel General da Reserva do Exército de Greensburg, Pensilvânia.

Figura 2– Míssil Scud



Fonte: WIKIPÉDIA (2019)

Para Schubert e Kraus (1998) as operações terrestres tiveram início no dia 24 de fevereiro, com as forças da coalizão distribuídas em uma faixa de 480 quilômetros no deserto. O XVIII Corpo Aero terrestre estava posicionado no flanco ocidental, a sua direita estava o VII Corpo de Exército, em outra faixa do terreno estava a Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais e o restante era ocupada por forças dos demais países da Coalizão.

Os combates se desenrolaram em 4 dias. No primeiro dia, 24 de fevereiro, se iniciou com o ataque pelo flanco esquerdo, liderada pela 6ª Divisão Blindada Leve, francesa, que avançou e se deparou com a 45ª Divisão de Infantaria iraquiana. Após isso, a 101ª Divisão Aero terrestre, realizou uma das maiores operações de assalto aero móvel da história, culminando com a dominação de uma das estradas que ligavam o eixo Kuwait – Bagdá e a instalação de uma base logística no interior do Iraque (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

As unidades da linha de frente avançavam mais rápido do que o previsto. Sendo assim necessário uma maior descentralização do comando e um deslocamento alternado das unidades logísticas e de artilharia. A 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada ficou responsável pelo bloqueio do Vale do Rio Eufrates, para impedir o movimento inimigo para a direção Norte. A 24ª avançou sem resistência até próximo o setor da 6ª Divisão Leve, da França, e da base logística desdobrada pela 101ª Divisão Aerotransportada (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Houve uma coordenação de deslocamento entre o VII e XVIII Corpos para o ataque simultâneo a Guarda Republicana, unidade de elite iraquiana, que se concentrava em território

do Kuwait. A Força da Expedicionário dos Fuzileiros Navais, reforçada pelos carros de combate M1 Abrams da Brigada Tigre, ficaram responsáveis pela tomada da Cidade do Kuwait (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

O segundo dia, 25 de fevereiro, foi marcado pela progressão do XVIII Aero terrestre ainda mais no interior do Iraque. A 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada conseguiu estabelecer seu objetivo de bloqueio no vale do Rio Eufrates. A progressão do VII Corpo de Exército foi marcada pelo grande emprego das divisões blindadas, do apoio aéreo e preparações de artilharia de campanha, de mísseis e foguetes (SCHUBERT, KRAUS, 1998).

Neste mesmo dia ocorreu o desembarque anfíbio da 5ª Brigada Expedicionária dos Fuzileiros Navais, com a intenção de simular um ataque anfíbio que nunca ocorreu, mas, que causou efeitos psicológicos no inimigo. No fim do dia 25 a Coalizão obteve um avanço significativo (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Na visão de Keegan (2005) a mídia expunha a 5ª Brigada Expedicionária dos Fuzileiros Navais e suas atividades preparatórias na *Cable News Network* (CNN) e através de outras mídias, intensificando o sentimento iraquiano de ansiedade, assim como mostrando a presença visível de navios de guerra no Golfo Pérsico. Os iraquianos entrincheiraram quatro divisões ao longo de seu flanco em direção ao mar, especificamente com a finalidade de defender-se contra um assalto anfíbio, e muitas outras divisões foram posicionadas de tal forma que elas poderiam rapidamente interceder quando os fuzileiros navais chegassem às praias.

Para Lupi (2008), os ataques de apoio são muitas vezes programados para enganar um inimigo como se fossem o ataque principal. Eles podem atrair forças do ataque principal e, talvez ainda mais importante, podem levar o inimigo para um mal posicionamento de suas reservas. Como um ataque de apoio envolve recursos significativos e alguns riscos, se opta por um único ataque de apoio. A Operação Tempestade no Deserto contou com três dessas operações, em grande parte porque as duas divisões do Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais, reforçadas pela Bateria de Mísseis Patriot e pela Brigada Tigre equipada com carros de combate M1 Abrams da 2ª Divisão Blindada do Exército, se alinharam com uma abordagem mais direta na cidade do Kuwait. Missões independentes foram projetadas para os aliados árabes nos flancos esquerdo e direito. Estes, em grande parte pelo Comando das Forças Conjuntas da Arábia Saudita e da Coalizão do Golfo - Leste (JFC-E) e o Comando das Forças Conjuntas em grande parte do Egito, Síria e Arábia Saudita - Norte (JFC-N), cada um recebeu a missão de realizar um projeto de apoio de ataque também.

O terceiro dia, 26 de fevereiro, foi marcado pela incursão no vale do Rio Eufrates. Local em que a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada encontrou a maior resistência de toda a guerra,

mas, nada que a tecnologia, presente nos carros de combate, veículos blindados de combate e na artilharia de campanha não pudesse fazer frente (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Schubert e Kraus (1998) destacam que o VII Corpo de Exército, deslocando-se em seu eixo de progressão, se deparou com pesada resistência de duas divisões blindadas da Guarda Republicana iraquiana, e mais uma vez os armamentos e equipamentos com superior tecnologia agregada garantiram a superioridade da coalizão. A Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais prosseguiu com o avanço da Brigada Tigre, com seus M1 Abrams, e a tomada da Colina Mutla, o que garantiu aos Fuzileiros o controle das imensas rodovias que ofereciam uma rota de fuga das tropas iraquianas para Bagdá.

Já no quarto e dia de operações, 27 de fevereiro, o XVIII Corpo Aero terrestre ficou responsável pela captura de dois aeroportos. O aeroporto de Jalibah, foi tomado pela 2ª Brigada sem grande resistência; e o aeroporto de Tallil de responsabilidade da 197ª Brigada que também cumpriu sua missão sem grandes esforços. A 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada, por sua vez, impediu a retirada de uma divisão da Guarda Republicana em direção ao Iraque, com um poderoso apoio de fogo aéreo e terrestre (SCHUBERT; KRAUS, 1998).

Os mesmos autores afirmam que o VII Corpo de Exército, após um deslocamento de cerca de 300 quilômetros na direção Norte, atingiu o limite do XVIII Corpo e desdobrou todo o seu poder de combate, no que viria a ser a maior concentração de poder blindado desde a Segunda Guerra Mundial. Depois de intensos combates, o VII Corpo derrotou as divisões blindadas remanescentes da Guarda Republicana. No final da tarde as divisões blindadas norte americanas já estavam em território kuaitiano.

Eles ainda destacam que no setor da Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais, a Brigada Tigre prosseguiu para a libertação do Aeroporto de Ali Al Salem e a 2ª Divisão de Fuzileiros permaneceu na segurança da Colina de Mutla.

Figura 3 – Bateria de mísseis Patriot



Fonte: WIKIPÉDIA (2019)

Segundo Lupi (2008) quando o cessar-fogo ordenado pelo presidente Bush entrou em vigor, as divisões da coalizão enfrentavam os remanescentes de uma força outrora formidável. O Exército dos EUA contribuiu com a maior parte do poder de combate terrestre que derrotou e quase destruiu as forças terrestres iraquianas. Somente cinco ou sete das suas quarenta e três divisões de combate permaneceram com capacidade de operações ofensivas.

Ainda conforme Lupi (2008) nos dias após o cessar-fogo, os soldados mais ocupados eram aqueles envolvidos na tarefa monumental de contar e cuidar dos prisioneiros, estima-se um total de 60.000 (sessenta mil) prisioneiros. E estes resultados surpreendentes vieram a um custo de 148 americanos mortos em ação. No teatro de operações, campos de petróleo no Kuwait foram sabotados pela retirada das tropas iraquianas, os militares dos EUA e seus aliados haviam ganhado indiscutivelmente a mais rápida e mais completa vitória na história militar americana. O Kuwait foi libertado.

2.3 FATORES QUE LEVARAM À VITÓRIA A COALIZÃO INTERNACIONAL

Segundo Bertonha (2004), dos muitos aspectos bem-sucedidos das operações do Exército durante a Operação Tempestade no Deserto, três se destacam. Primeiro, as unidades do Exército moviam-se tão rápido que eles encontraram seu inimigo consistentemente fora de posição e desorientados. Em 100 horas de combate, o XVIII Corpo Aerotransportado moveu seus elementos principais a cento e noventa milhas ao norte do Iraque e depois setenta milhas a leste. O VII Corpo de Exército levou umas centenas de milhas para o Iraque e depois cinquenta

e cinco milhas para o leste. Unidades iraquianas mostraram ser incapazes de se reposicionar em distâncias curtas antes das unidades do Exército norte americano estarem sobre elas. Esse uso do elemento surpresa foi em grande parte possível devido ao controle total do ar pelos EUA, que fez voos de reconhecimento iraquianos impossíveis.

Novamente Bertonha (2004) destaca que em segundo lugar, as forças americanas desfrutaram de substanciais vantagens tecnológicas, mais notavelmente em visão noturna e eletro-óptica. Dois tipos de tecnologia de melhoria da visão foram incorporados nas operações do Exército, precedendo a implantação no Golfo Pérsico. Uma dessas ajudas representou o desenvolvimento avançado de um dispositivo testado em campo pela primeira vez durante a Guerra do Vietnã, o sistema de intensificação de imagens conhecido como Starlight.

Reunindo e concentrando a luz fraca da lua e das estrelas, Starlight ofereceu uma visão do terreno para cerca de cem metros em tons semelhantes a um negativo fotográfico. Não dependia de um feixe transmitido que um adversário poderia detectar. Ainda assim, teve desvantagens, entre elas a necessidade do sistema por uma noite clara, bem como sua despesa, peso e tamanho (BERTONHA, 2004).

Mais uma vez aquele autor destaca que então, os primeiros escopos da Starlight foram distribuídos apenas para unidades de patrulha de longo alcance e equipes de atiradores. Montagens térmicas em carros de combate M1 Abrams, e veículos blindados de transporte de pessoal M2 / M3 Bradley, e a maioria dos helicópteros era uma geração mais recente e mais capaz do que os escopos Starlight. Pegando ondas de calor dentro de seu campo de visão, eles permitiram que operadores treinados vissem na escuridão como se fosse luz do dia. Tropas americanas na Tempestade no Deserto verdadeiramente "possuíram a noite".

De acordo com Magnoli (2006), outros produtos de tecnologia avançada contribuíram significativamente para o sucesso. O número global de localização, dispositivos de navegação, Sistema de Posicionamento Global (GPS), tornaram a desorientação no deserto, um problema mínimo. Todos eles tinham equipamentos eletrônicos que liam transmissões de satélites em órbita e deu aos seus usuários coordenadas locais. Usando esses dispositivos, as tropas poderiam determinar dados de disparo para unidades de artilharia, corrigir os rolamentos de azimute para objetivos, e medir ângulos de descida para aeronaves que se dirigem a zonas de pouso ou alvos. Os iraquianos ficaram surpresos com a facilidade com que grandes formações americanas navegavam pelo deserto sem traços guiados infalivelmente pelo GPS. Parecia que os antigos problemas de erros de leitura de mapas ou de terrenos desapareceram.

Ainda segundo Magnoli (2006) entre as armas, o helicóptero de ataque AH-64A Apache armado com os mísseis Hellfire AGM-114 desmentiram sua reputação de ser excessivamente

um sistema sujeito a avarias. O Apache provou ser um tanque assassino altamente eficaz. O sistema de foguetes de lançamento múltiplo e o sistema de míssil tático, demonstraram grande efeito contra inimigos entrancheirados. Quando combinado com o dispositivo Firefinder para localizar a fonte de fogos do inimigo, o foguete e os sistemas de mísseis suprimiram o fogo da artilharia iraquiana de forma rápida e permanente.

Figura 4 – Helicóptero de ataque AH-64A Apache



Fonte: WIKIPÉDIA (2019)

O mesmo autor afirma que por causa da vantagem do Firefinder, as baterias inimigas raramente eram ouvidas no setor da XVIII Corpo Aero terrestre após os dois primeiros dias do conflito, um grande alívio para os comandantes do Exército preocupados com uma das poucas vantagens dos iraquianos, o maior alcance de sua artilharia.

De acordo com Deuad (2003), os antigos pilares da artilharia do Exército dos EUA, 155 mm e 203 mm, sublinhou a sua reputação bem fundamentada como precisa e sistemas confiáveis de suporte direto. Tão impressionante quanto o inventário do Exército de alta tecnologia no início da crise no final de 1990 foi a capacidade das agências de defesa americana para responder às demandas do Comando Central dos EUA por novos produtos. Um exemplo dramático dessa capacidade de resposta veio dias antes da guerra terrestre. O sucesso do contra-ataque da coalizão a cidade de Ras al Khafji na primeira semana de fevereiro foi marcada quando o apoio de fogo americano matou várias tropas do CENTCOM.

O mesmo Deuad (2003) destaca que o fratricídio se provou um problema recorrente durante a Tempestade no Deserto, pois as unidades atacavam em intervalos maiores do que elas poderiam identificar com precisão. General Schwarzkopf ordenou pesquisas aceleradas sobre métodos que evitassem o fratricídio. Uma pesquisa conjunta coordenada pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa, imediatamente foi trabalhar no problema de fazer veículos americanos e posições visíveis apenas para veículos blindados e aeronaves americanas.

Ele ainda acrescenta que apenas dezenove dias depois, o Comando Central distribuiu os resultados do trabalho da agência: No lado do Exército do esforço de pesquisa, o Centro para Visão Noturna e Eletro-Ópticos em Fort Belvoir, Virgínia, veio com a Budd Light e mais de vinte outras soluções para o problema, algumas que foram colocadas em prática antes do final da guerra.

Em terceiro lugar, de acordo com as afirmações de Deuad (2003) os soldados americanos superaram seus inimigos iraquianos. Particularmente gratificante para os comandantes do escalão superior foi a conduta do pessoal nos importantíssimos cargos de ação de nível médio: oficiais subalternos e oficiais não comissionados. Estes eram os tenentes e sargentos que tomaram a iniciativa de conduzir comboios através de perigosas extensões do deserto à noite e reabastecer o avanço; encontraram e combateram milhares de carros de combate e posições inimigas na confusão de fortes chuvas e tempestades de areia; e, quando solicitado, tratavam um inimigo derrotado com dignidade e cuidado. Como o General McCaffrey observou de seus oficiais subalternos e não comissionados durante o deslocamento da 24ª Divisão de Infantaria até o vale do Rio Eufrates, "Eles poderiam ter feito isso sem nós".

De acordo com Keegan (2005) apesar do impressionante desempenho geral, problemas exigindo atenção pós-guerra ocorreram. Diversos tipos de equipamentos atraíram críticas dos comandantes. Rádios de campo americanos não eram confiáveis, e comandantes que tiveram a oportunidade de utilizar os rádios iraquianos e britânicos os declararam superiores. Felizmente, a iniciativa de importantes comissionados e alistados nos batalhões e companhias extinguiu as lacunas de comunicação em momentos cruciais. Em uma curiosa decisão sobre uma arma, o obuseiro autopropulsado M109 155mm recebeu elogios pelo efeito de fogo em alvos, mas seu chassi mostrou-se muito fraco para acompanhar as agressões mecanizadas e blindadas inimigas.

Ele ainda destaca que o blindado de combate escavador M9 atravessou as bermas com facilidade, mas não conseguiu acompanhar os assaltos em terreno aberto. Apesar de sua brevidade, as 100 horas da Guerra do Golfo Pérsico duraram o suficiente para atualizar um antigo lamento do pós-guerra, a velocidade do avanço expôs uma lacuna: helicópteros, carros de combate e os veículos blindados de transporte de pessoal ultrapassavam os caminhões de

suprimento. Levantando tanques de combustível e paletes de munição por helicóptero foi fornecida uma solução rápida, mas helicópteros transportando combustível, os utilizavam tão rápido quanto os entregavam. Se a guerra tivesse durado mais, o general Schwarzkopf teria que parar o avançar para preencher bases operacionais avançadas. Na manhã de 27 de fevereiro, com o VII Corpo preparado para completar a destruição dos Comandos das Forças da Guarda Republicana Iraquiana, os carros de combate das 1ª e 3ª Divisões Blindadas foram quase sem combustível.

Depois de isolar e avaliar vários aspectos das operações do Exército e sistemas, as questões permaneceram sobre o curso geral da guerra e seu resultado. O Exército era realmente tão eficiente quanto a esmagadora vitória e estatísticas unilaterais da guerra sugeriam? As forças armadas do Iraque eram realmente tão inferiores? Respostas completas aguardavam análise mais cuidadosa dos combatentes, mas logo após a campanha terrestre, duas conclusões pareciam justificadas.

A primeira: de acordo com Keegan (2006) o exército do Iraque não estava preparado para uma guerra de movimento rápido em grandes distâncias. Os iraquianos, em sua mais recente experiência de combate contra o Irã, desenvolveram habilidades em ritmo lento, orientadas para a guerra de defesa. Essas habilidades mostraram-se inadequadas para impedir um exército moderno com capacidades de blindagem de alta velocidade e controle total do ar.

A segunda: o mesmo autor afirma que o Comando Central dos EUA usou sua guerra aérea e terrestre para obter uma vantagem devastadora. Com supremacia aérea estabelecida mais de um mês antes do início da guerra terrestre, o sucesso do General Schwarzkopf estava assegurado. Ataques terrestres forçaram as tentativas inimigas de se reposicionarem, que, por sua vez, os expôs a ataques aéreos enquanto se moviam. A combinação de uma poderosa ofensiva aérea e uma campanha pesada em solo provou ser devastadora nos arredores do deserto do sudoeste da Ásia.

Os americanos esperavam vencer a guerra contra Saddam Hussein, mas, no entanto, ficaram surpresos com a velocidade da vitória e seu baixo custo em vidas da coalizão. Os americanos haviam sofrido 148 (cento e quarenta e oito) mortes na batalha e seus aliados mais 99 (noventa e nove), contra algo em torno de mais de 20.000 (vinte mil) para os iraquianos. Outros 60.000 (sessenta mil) iraquianos foram feridos ou capturados. Este resultado pode ser explicado em grande parte pelo excelente equipamento, treinamento rigoroso e caráter profissional que as Forças Armadas da Coalizão trouxeram à luta. O ápice destas qualidades foi o soldado americano cada vez mais profissional, completamente treinado para fazer o melhor uso absoluto dos equipamentos mais modernos (KEEGAN, 2005).

Para Deuad (2003), o esquema operacional da Tempestade no Deserto foi bem pensado e capitalizou os pontos fortes da coalizão ao jogar com as fraquezas iraquianas. Nunca antes as forças americanas estavam mais completamente preparadas para uma guerra em que eles foram chamados para lutar. O Exército que recuperou seu equilíbrio na década de 1970 e treinou tão duro na década de 1980 e fez tudo o que foi solicitado no deserto em 1991.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Por se tratar de um campo de investigação a respeito de fatos históricos de operações militares, realizou-se uma pesquisa do tipo descritiva. Para melhor compreender o fenômeno, foi utilizada a pesquisa bibliográfica e documental para a obtenção de dados do estudo e dedutivo para a comparação das informações obtidas. O limite da pesquisa se estendeu a outras Operações e Manobras que interferiram no resultado da Guerra do Golfo, como a Operação Escudo do Deserto.

Segundo Marconi e Lakatos (2010), a citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite contribuir para a pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes. Tanto a confirmação do que foi concluído, quanto à discrepância são muito importantes, para saber quais são as variáveis do problema em questão.

3.2 MÉTODOS

Procedemos ao levantamento dos dados bibliográficos, bem como fichamento do material a ser utilizado, os quais não constam no TCC. A pesquisa foi unicamente de cunho bibliográfico.

Para tanto foram utilizados livros e artigos em bancos de dados eletrônico que tratam do assunto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira grande crise externa para os Estados Unidos após o fim da Guerra Fria se apresentou em agosto de 1990. Saddam Hussein, o ditador do Iraque, ordenou que seu exército cruzasse a fronteira para o pequeno Kuwait. Este não foi um ato comum de agressão. O exército do Iraque estava bem equipado. Os Estados Unidos forneceram ajuda militar maciça ao Iraque durante sua guerra de oito anos com o Irã, dando-lhes o quarto maior exército do mundo.

O Kuwait era um importante fornecedor de petróleo para os Estados Unidos. A aquisição do Iraque representou uma ameaça imediata à vizinha Arábia Saudita, outro grande exportador de petróleo. Se a Arábia Saudita caísse para Saddam, o Iraque controlaria um quinto do suprimento mundial de petróleo. Todos os olhos estavam na Casa Branca, esperando por uma resposta.

Nos últimos meses de 1990, os Estados Unidos participaram da defesa da Arábia Saudita em um desdobramento conhecido como Operação Escudo do Deserto. Mais de 500.000 soldados americanos foram posicionados na Arábia Saudita em caso de um ataque iraquiano contra os sauditas. Os EUA também buscaram apoio multilateral no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Tradicionalmente, o Iraque era um aliado da União Soviética, que detinha o poder de veto sobre qualquer potencial ação militar da ONU. Olhando para o ocidente em busca de apoio para suas dramáticas mudanças internas, a União Soviética não bloqueou o plano americano. A ONU condenou o Iraque e ajudou a formar uma coalizão para combater Saddam militarmente.

Bush, lembrando as lições do Vietnã, também buscou apoio público. Embora houvesse poucos oponentes do conflito, a grande maioria dos americanos e uma estreita maioria do Congresso apoiaram as ações do Presidente. Quando todas as forças estavam em vigor, os Estados Unidos deram um ultimato a Saddam Hussein: deixar o Kuwait em 15 de janeiro de 1991 ou enfrentar um ataque total da força multinacional.

O 15 de janeiro passou sem resposta dos iraquianos. Na noite seguinte, o Escudo do Deserto tornou-se a Tempestade no Deserto. As missões de bombardeio atacaram os alvos militares do Iraque pelas próximas semanas. Em muitos dias, havia mais de 2500 dessas missões. O Iraque respondeu lançando mísseis Scud em quartéis americanos na Arábia Saudita e em Israel. Atacar Israel foi uma estratégia para persuadir todas as nações árabes vizinhas a se unirem à causa iraquiana. Depois de intensa pressão diplomática e negociação, as nações árabes permaneceram em oposição ao Iraque.

Em 24 de fevereiro, a guerra terrestre começou. Embora o bombardeio tenha durado semanas, as tropas terrestres americanas declararam que o Kuwait foi libertado apenas 100 horas após o início do ataque terrestre. Soldados americanos se moveram pelo Kuwait e entraram no sul do Iraque. Isso representou um dilema para os Estados Unidos. Os objetivos militares estavam completos, mas Saddam, o autor do ataque ao Kuwait, ainda governava o Iraque a partir de Bagdá. O presidente Bush temia que os aliados não apoiassem a ocupação de Bagdá. Preocupações foram levantadas que, se o regime de Saddam fosse derrubado, a nação inteira poderia se desintegrar em uma guerra civil. Logo o Iraque concordou com os termos do cessar-fogo e o conflito diminuiu.

O Iraque não deixou o Kuwait intocado. Milhões de dólares foram saqueados pelas tropas de ocupação. Enquanto o Iraque recuava, eles detonaram explosivos em muitos dos poços de petróleo do Kuwait. O desastre para o meio ambiente cresceu quando o Iraque despejou petróleo no Golfo Pérsico. Os custos eram enormes e a casualidade era impressionante. Embora as estimativas atinjam as centenas de milhares de mortes no Iraque, apenas 148 americanos foram mortos na batalha. Isto foi principalmente por causa dos avanços tecnológicos dos Estados Unidos.

A Guerra do Golfo Pérsico foi um evento de televisão. A CNN transmitiu cobertura ininterrupta de eventos em andamento. Os americanos viram imagens de câmeras colocadas em bombas inteligentes quando atingiram alvos iraquianos. O caça invisível F-117, projetado para evitar a detecção de radar, foi colocado em uso pela primeira vez. O general Norman Schwarzkopf e o general Colin Powell tornaram-se nomes familiares enquanto os cidadãos observavam sua direção do conflito.

Os Estados Unidos passaram no primeiro teste do mundo pós-Guerra Fria. Diplomacia hábil provou que as Nações Unidas poderiam ser usadas como instrumento de força quando necessário. Embora Moscou não tenha contribuído com tropas para a operação, eles deram aprovação tácita ao ataque. O potencial para cooperação multinacional foi demonstrado. A maior operação militar americana desde o Vietnã foi concluída com sucesso esmagador. A maioria dos americanos se sentiu confiante em sua vantagem militar e tecnológica mais uma vez. O presidente Bush declarou prontamente que a "nova ordem mundial havia começado".

As operações militares não só destruíram grande parte das forças armadas iraquianas, mas também danificaram gravemente a infraestrutura das principais cidades e vilas iraquianas.

Os principais fatores que levaram a vitória da Coalizão foi o grande poderio militar norte americano. Esse poderio se resumiu em alguns pontos, dos quais destacamos: a elevada capacidade logística que os EUA apresentaram, quando desdobraram uma força com um efetivo

de 3 corpos de exército, composta por cerca de 550.000 soldados, 1.800 aeronaves militares, mais de 2000 carros de combate e veículos blindados de combate, cerca de 200 navios e um sistema logístico e administrativo logístico robusto e eficiente.

O segundo ponto foi o grande investimento, anterior a guerra, em seus equipamentos e armamentos; o que conferiu as forças armadas americanas a superioridade no combate independente do horário e das condições climáticas. Outro ponto de destaque foi a combinação de meios blindados ao apoio aéreo e apoio de artilharia. E o último ponto foi a capacidade e a maturidade de Oficiais Intermediários e Subalternos em cumprirem missões de forma isolada, devido a descentralização do comando e ao rápido deslocamento que foi desenvolvido na operação.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **La guerra Del Golfo no ha tenido lugar**. São Paulo: Anagrama, 2017.

BERTONHA, J. F. **Guerra do Golfo**. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.) [et al]. Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DENAUD, P. **Iraque, a guerra permanente**: entrevistas com Tarek Azis. A posição do regime iraquiano. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

KEEGAN, J. **A Guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2005.

LUPI, A. L. P. B. **A guerra do Golfo**: legalidade e legitimidade. Disponível em: <www.siaiap32.univali.br/seer/index.php/nej/article/download/410/353>. Acesso em: 10 fev. 2019.

MAGNOLI, D. **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHUBERT, Frank N.; KRAUS, Theresa L. (Ed.). **Tempestade do Deserto**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998. Tradução de: Luis Cesar Fonseca.

ANEXO A- MAPA DA OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO

